

# Homem da esquina rosada

Para Enrique Amorim

CÍRCULO DO LIVRO S.A.  
Caixa postal 7413  
São Paulo, Brasil

Edição integral

Títulos dos originais: "Historia universal de la infamia" / "El informe de Brodie" / "Elogio de la sombra" / "El libro de arena"  
Copyright © 1954, 1970, 1969, 1975 by Emecé Editores, S.A.,  
Buenos Aires

Tradução: Flávio José Cardozo, Hermilo Borba Filho, Carlos Nejar e  
Alfredo Jacques, Lígia Morrone Averbuck  
Capa: Frank Frederico Urban

Licença editorial para o Círculo do Livro  
por cortesia da Editora Globo S.A.

É proibida a venda a não-sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado em oficinas próprias

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

06

07

Logo para mim, falar do falecido Francisco Real... Tive ocasião de conhecê-lo, embora não fosse deste bairro — seus domínios eram mais para o norte, pelos lados da laguna de Guadalupe e da Bateria. Estive com ele não mais de três vezes, e todas numa só noite, mas é uma noite que não esqueço: foi quando a Lujanera veio dormir no meu rancho e Rosendo Juárez deixou o Arroyo para não voltar mais. Claro que lhes falta a devida experiência para reconhecerem esse nome, mas Rosendo Juárez, o Batedor, era dos que mais se impunham em Villa Santa Rita. Rapaz afamado de ser bom na faca, era um dos melhores de Don Nicolás Paredes, que era homem de Morel. Sabia aparecer com muita pimponice nos bordéis, num cavalo escuro enfeitado de prata. Homens e cachorros o respeitavam e também as chinas; ninguém ignorava que matara dois; usava chapéu alto, de aba estreita, sobre a cabeleira oleosa. Como se costuma dizer, a sorte o tratava bem. Nós, os rapazes da zona, o imitávamos até no modo de cuspir. Uma noite, porém, nos revelou a verdadeira condição de Rosendo.

Parece fantasia, mas a história dessa estranha noite começou com uma soberba carroça de rodas vermelhas, carregada de homens, que ia aos trancos por esses becos de barro duro, entre fornos de tijolos e buracos, e dois indivíduos de preto tocando guitarra e fazendo barulho, e um outro na boléia a fustigar os cachorros soltos que passavam diante do cavalo mouro, e mais um sujeito de poncho, silencioso no meio, e esse tal era o tão famoso Curraleiro, que ia brigar e matar. A noite era uma bênção de tão fresca. Dois deles iam sobre a capota arriada, como se a solidão fosse um curso. Esse foi o primeiro acontecimento dos tantos que houve, mas só soubemos depois. Nós,

os rapazes, estávamos desde cedo no salão de Julia, um galpão com telhas de zinco, entre a estrada de Gauna e o Maldonado. Era um lugar que se podia ver de longe, graças à luz que o desavergonhado lampião espalhava ao redor e também graças ao barulho. Julia, embora fosse de condição humilde, era consciente e formal, tanto que não faltavam músicos, nem boa bebida e companhias resistentes para o baile. Mas a Lujanera, que era a mulher de Rosendo, ganhava longe de todas. Ela morreu, senhor, e digo que passo anos sem pensar nela, mas precisava vê-la naqueles bons tempos. Ninguém se cansava de olhar para a Lujanera.

A bebida, a milonga, as mulheres, um palavrão condescendente na boca de Rosendo, uma palmada dele no meu queixo, que eu considerava demonstração de amizade — a verdade é que me sentia feliz. Arrumei uma parceira que me acompanhava muito bem, como se adivinhasse tudo o que eu queria. O tango fazia o que bem entendia conosco; estimulava-nos e perdia-nos e nos botava em ordem e voltava a nos encontrar. Os homens estavam nessa diversão, como num sonho, quando de repente a música pareceu crescer: é que a ela já se misturava a música dos guitarristas do carro, cada vez mais próximo. Depois, a brisa que a trouxe levou-a para outro rumo, e voltei a dar atenção ao meu corpo e ao corpo da minha companheira e às conversas do baile. Pouco depois, bateram à porta com autoridade — uma batida e uma voz. Em seguida, houve um silêncio geral, um empurrão muito forte na porta e o homem já estava dentro. O homem se parecia com a voz.

Para nós, não era ainda Francisco Real, mas sim um sujeito alto, robusto, todo vestido de preto, com uma manta amarela jogada ao ombro. Lembro que tinha uma cara de índio, angulosa.

Ao abrir-se, a porta bateu em mim. Não mais que por atordoamento, atirei-me sobre o homem e apliquei-lhe no rosto um murro com a mão esquerda, enquanto com a direita puxei a faca afiada que sempre trazia na cava do colete, junto ao sovaco esquerdo. Ia durar pouco a minha precipitação. O homem, para se firmar, esticou os braços e me afastou, como que se livrando de um estorvo. Deixou-me agachado atrás, ainda com a mão dentro do paletó, sobre a arma inútil. Continuou caminhando, alheio ao que tinha acontecido. Continuou, sempre mais alto que qualquer um dos que ia afastando, como se não visse nada. Os primeiros — pura italianada curiosa — abri-

ram-se em leque, apressados. A coisa não durou. No grupo seguinte o Inglês já o esperava e, antes de sentir no ombro a mão do forasteiro, deitou-o com uma planchada rápida. Fui ver aquela planchada e vi que caíram todos sobre ele. O salão tinha muitas varas de fundo, e o carregaram como um cristo, quase duma ponta a outra, com empurrões, vaia e cusparadas. Primeiro deram-lhe pancadas, depois, vendo que não se defendia dos golpes, apenas tapas com a mão aberta ou com a franja inofensiva dos cachecóis, como se estivessem rindo dele ou o reservando para Rosendo, que não se mexera da parede do fundo, onde estava encostado, quieto. Fumava seu cigarro com cuidado, dando a impressão de que já entendia o que depois fomos ver claramente. O Curraleiro foi empurrado até ele, firme e ensangüentado, envolvido na assuada da população estúpida. Vaiado, chicoteado, cuspidos, só foi falar quando se defrontou com Rosendo. Então olhou para ele, limpou o rosto com o antebraço e disse:

— Eu sou Francisco Real, um homem do norte. Eu sou Francisco Real, que chamam de Curraleiro. Permiti a esses infelizes que me botassem a mão porque o que estou procurando é um homem. Andam por aí uns boateiros dizendo que por estes descampados existe um sujeito com fama de ser bom na faca e de ter coragem, um tal de Batedor. Quero me encontrar com ele para que me ensine, a mim que não sou ninguém, o quê? Bem a ser um homem valente e de boa vista.

Disse isso e não tirou os olhos do outro. Na mão direita agora já reluzia uma faca, que com certeza tinha trazido na manga. Em volta, os que o haviam empurrado foram abrindo caminho e nós olhámos para os dois, num grande silêncio. Até os grossos beijos do mulato cego que tocava violino também se abritam.

Nisso, ouço que se mexem lá atrás, e vejo na soleira da porta seis ou sete homens, que deviam ser capangas do Curraleiro. O mais velho, um homem com ar de camponês, durtido, de bigode grisalho, adiantou-se e, deslumbrado com tanta mulher e tanta luz, descobriu-se com respeito. Os outros vigiavam, prontos para entrar em ação se o jogo não fosse limpo.

Que é que acontecia com Rosendo que não expulsava a pontapé aquele fanfarrão? Continuava calado, sem levantar os olhos. Não sei se cuspiu o cigarro ou se o deixou cair da boca. Por fim, disse algumas palavras, mas tão baixo que nada escutamos na outra ponta do salão. Francisco Real tornou a de-

safiá-lo e ele continuou a negar-se. Então, o mais moço dos forasteiros assobiou. A Lujanera olhou para ele com desprezo e foi andando, com os cabelos nas costas, entre homens e chinas. Chegou-se ao seu homem, pôs-lhe a mão no peito, tirou a faca desembainhada e deu-a a ele com estas palavras:

— Rosendo, acho que estás precisando disto.

Na altura do teto havia uma espécie de janela comprida que dava para o arroio. Rosendo recebeu a faca com as duas mãos e olhou para ela como se não a reconhecesse. Moveu-se de repente para trás e a faca voou em linha reta e perdeu-se lá fora, no Maldonado. Senti uma espécie de frio.

— Não te meto a faca de nojo — disse o outro, e levantou a mão para castigá-lo. Então a Lujanera agarrou-se nele, passou-lhe os braços pelo pescoço, olhou-o com aqueles olhos e disse com raiva:

— Deixa esse aí, que fez a gente pensar que era Homem.

Francisco Real ficou por um momento confuso e depois abraçou a mulher longamente e gritou aos músicos que tocavam sem tango e milonga e aos outros da festa, que dançassemos. A milonga correu como um incêndio de ponta a ponta. Real dançava muito grave, mas sem nenhum brilho, já dono daquela mulher. Chegaram até a porta e ele gritou:

— Vão abrindo caminho, senhores, que ela já está dormindo.

Disse isso e saíram de cabeças coladas, na ondulação do tango, como se o tango os deixasse perdidos.

Creio que fiquei vermelho de vergonha. Dei umas voltinhas com uma das mulheres e deixei-a de repente. Disse que era por causa do calor e do aperto e fui indo pela parede até sair. Noite linda — para quem? Na volta do beco vi um dos homens, e as duas guitarras retas no assento da carroça, como gente. Fiquei incomodado por terem sido largadas assim pelos seus donos, como se nem para roubar qualquer porcaria servissemos. Deu-me coragem saber que não éramos ninguém. Aírei numa poça o cravo que tinha atrás da orelha e fiquei algum tempo olhando para ele, para não pensar em mais nada. Quisera estar de uma vez no dia seguinte, queria sair daquela noite. Nisso me deram uma cotovelada que quase senti como um alívio. Era Rosendo, fugindo do bairro, sozinho.

— Você sempre atrapalhando, porcaria — resmungou ao passar, não sei se querendo desabafar ou se alheio a tudo.

Tomou o lado mais escuro, o do Maldonado; não tornei mais a vê-lo.

Fiquei olhando para as coisas de sempre — o céu interminável, o arroio teimoso ali embaixo, um cavalo adormecido, o beco de terra batida, os fornos — e pensei que eu era não mais que qualquer capim daquelas bandas, criado entre flores de brejo e ossadas. Que poderia sair daquela imundícia além de nós, gritalhões mas covardes para o castigo — conversadores e impulsivos, não mais que isso? Senti depois que não: quanto mais provocado, mais o bairro tem obrigação de ser valente. Imundícia? A milonga continuava a fazer das suas e a espalhar barulho pelas casas e o vento trazia um cheiro de madressilvas. Uma linda noite para nada. Havia tantas estrelas que a gente ficava tonto de olhar para elas, umas sobre as outras. Eu me esforçava em pensar que o assunto não me dizia respeito, mas a covardia de Rosendo e a coragem insuportável do forasteiro não me queriam deixar. Até uma mulher o homem alto tinha arrumado para aquela noite. Para aquela e para muitas outras noites, pensei, e talvez para todas, porque a Lujanera era uma coisa séria. Sabe Deus que lado tomaram. Mas muito longe não podiam estar. Talvez já estivessem até se agarrando aí em qualquer buraco.

Quando pude voltar, o baile continuava como se nada tivesse ocorrido.

Disfarçadamente me misturei ao pessoal e vi que alguns dos nossos tinham escapado e que os do norte dançavam tango junto com os outros. Não havia cotovelões nem empurrões, mas sim receio e decência. A música parecia sonolenta, as mulheres que dançavam com os do norte não falavam nada.

Eu esperava alguma coisa, mas não o que aconteceu.

Lá fora ouvimos uma mulher que chorava e depois: a voz que já conhecíamos, mas serena, quase serena demais, parecendo que já não era a voz de ninguém, dizendo para ela:

— Entra, minha filha — e o choro continuou. Depois, como se começasse a desesperar-se, a voz prosseguiu: — Abre, estou dizendo, abre, mulher nojenta, abre, cadela! — Aí a trêmula porta se abriu e a Lujanera entrou sozinha. Entrou mandada, como se alguém a viesse empurrando.

— Está sendo trazida por uma assombração — disse o Inglês.

— Por um morto, amigo — disse então o Curraleiro. O rosto parecia o de um bêbado. Entrou e no espaço que lhe

abrimos deu, como antes, alguns passos tontos — alto, sem ver — e caiu pesadamente no chão, feito um poste. Um dos que tinham vindo com ele deitou-o de costas e ajeitou o pequeno poncho como travesseiro. Essas providências encheram o homem de sangue. Vimos então que tinha uma enorme ferida no peito; o sangue o encharcava e enegrecia um lenço vermelho que antes eu não havia notado porque estava coberto pelo cachecol. Para um primeiro curativo, uma das mulheres trouxe aguardente e uns panos quentes. O homem não estava para dar explicações. A Lujanera o olhava como se estivesse perdida, com os braços soltos. Todos a interrogavam em silêncio e, por fim, ela conseguiu falar. Disse que depois de sair com o Curraleiro foram a um pequeno campo e nisso surge um desconhecido que o desafia como um desesperado a brigar e lhe dá aquela punhalada e ela jura que não sabe quem tenha sido e que não foi o ~~possendo~~. Quem ia acreditar no que dizia?

O homem morria aos nossos pés. Pensei que o pulso de quem o liquidou não tinha tremido. Mas o homem era duro. Quando caiu, Julia estava cevando mate e a cuia deu uma volta inteira e voltou à minha mão antes que ele expirasse.

— Cubram o meu rosto — disse devagar, quando não pôde mais.

Só lhe restava o orgulho e não podia permitir que lhe vissem as contorções da agonia. Alguém pôs em cima dele o chapéu preto, de copa alta. Morreu de baixo do chapéu, sem nenhuma queixa. Quando o peito estendido deixou de subir e descer, o pessoal se animou a descobri-lo. Tinha aquele ar cansado dos defuntos. Era um dos homens de maior coragem que houve naquele tempo, da Bateria até o sul. Quando o vi morto e sem fala, perdi meu ódio.

— Para morrer não se precisa mais que estar vivo — disse uma mulher.

— Era um homem tão orgulhoso e agora só serve para juntar moscas — falou outra, pensativa.

Então os do norte começaram a conversar baixinho entre eles e depois dois disseram alto, ao mesmo tempo:

— Foi a mulher que o matou.

Um dos homens perguntou, cara a cara, se não tinha sido ela, e todos a cercaram. Eu me esqueci que devia ser prudente e fui para junto deles como um raio. De afobado, quase desem-bainhei a faca. Senti que muitos me olhavam, para não dizer todos eles. Zombando, falei:

— Olhem as mãos desta mulher: que pulso ou que coraçãõ pode ter ela para dar uma punhalada?

Acrecentei, com o enfaramento de um homem corajoso: — Quem podia imaginar que o falecido, que dizem ter sido bravo na sua terra, fosse morrer dum jeito tão bruto e num lugar tão parado como este, onde nada acontece, a não ser quando aparece por aqui algum sujeito de fora para distrair a gente e que depois acaba servindo para a gente cuspir em cima?

Não havia por que brigar com ninguém. Nisso começou a crescer na solidão um barulho de cavalos. Era a polícia. Uns mais e outros menos, todos teriam suas razões para não querer nada com ela, então decidiram que o melhor era jogar o morto no arroio. Vocês devem estar lembrados da janela comprida pela qual passou o punhal, brilhando. Por ali passou o homem de preto. Ergueram-no entre muitos e tiraram-lhe todas as moedas e miudezas que trazia e alguém lhe cortou o dedo para ficar com o anel. Aproveitadores, senhores, que assim criavam coragem diante de um pobre defunto indefeso, depois que alguém mais homem o liquidou. Um empurrão e a água rápida e teimosa o levou. Para que não boiasse, não sei se lhe arrancaram as vísceras, pois preferi não olhar. O sujeito de bigode grisalho não me tirava os olhos. A Lujanera aproveitou o alvoroço para sair.

Quando a polícia chegou para investigar, o baile andava meio animado. O cego do violino sabia tocar umas habaneras que já não se ouvem mais. Lá fora estava querendo clarear. Uns postes de *ñandubay* sobre uma lombada pareciam soltos entre si, pois os fios muito finos não podiam ser vistos assim tão cedo.

Fui tranqüilo para o meu rancho, distante dali umas três quadras. Na janela brilhava uma luzinha, que se apagou logo em seguida. É claro que tive pressa em chegar, quando me dei conta daquilo. Então, Borges, tornei a sacar a faca curta e afiada que eu sempre trazia aqui, no colete, perto do sôvaco esquerdo, e examinei-a mais uma vez, devagarinho, e ela estava como nova, inocente, e não restava nenhum vestígio de sangue.